

Percepções linguísticas sobre a inteligibilidade da produção oral do inglês como segunda língua

Linguistic perceptions of the intelligibility of English oral production as a second language

Percepciones lingüísticas sobre la inteligibilidad de la producción oral del inglés como segunda lengua

Andrei Zandoná Bollis¹  

Leonel Piovezana²  

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever a percepção dos docentes e discentes da escola Lifelike Idiomas de Seara/SC em relação à inteligibilidade da produção oral do inglês para a comunicação. O estudo fundamenta-se em autores como Smith e Nelson (1985), Kenworthy (1987), Munro e Derwing (1995), Bamgbose (1998), Jenkins (2000), Walker (2010) e Chan (2021). A pesquisa, de natureza qualitativa e explicativa, contou com a participação de 67 estudantes e 6 professores de inglês, que responderam a um questionário semiestruturado online. Os dados foram interpretados segundo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). O artigo está vinculado à Linha de Pesquisa II, Diversidade, interculturalidade e educação inclusiva, à ODS 4 – Educação de Qualidade, e ao grupo de pesquisa SULEAR. Os resultados indicam que pronúncia, acurácia e densidade lexical, destacadas por docentes e discentes, são essenciais para a clareza, confiança e expressividade na produção oral.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; inglês como segunda língua; inteligibilidade; ensino e aprendizagem.

Abstract

This article aims to describe the perception of teachers and students at Lifelike Idiomas School in Seara/SC regarding the intelligibility of oral English production for communication. The study is based on authors such as Smith and Nelson (1985), Kenworthy (1987), Munro and Derwing (1995), Bamgbose (1998), Jenkins (2000), Walker (2010), and Chan (2021). The research, qualitative and explanatory in nature, involved 67 students and 6 English teachers, who answered an online semi-structured questionnaire. Data were interpreted using the content analysis technique proposed by Bardin (2016). The article is linked to Research Line II, Diversity, Interculturality, and Inclusive Education, to SDG 4 – Quality Education, and to the research group SULEAR. The results indicate that pronunciation, accuracy, and lexical density, highlighted by both teachers and students, are essential for clarity, confidence, and expressiveness in oral production.

Keywords: linguistic beliefs and attitudes; English as a second language; intelligibility; teaching and learning.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir la percepción de docentes y discentes de la escuela Lifelike Idiomas de Seara/SC en relación con la inteligibilidad de la producción oral del inglés para la comunicación. El estudio se fundamenta en autores como Smith y Nelson (1985), Kenworthy (1987), Munro y Derwing (1995), Bamgbose (1998), Jenkins (2000), Walker (2010) y Chan (2021). La investigación, de naturaleza cualitativa y explicativa, contó con 67 estudiantes y 6 profesores de inglés, quienes respondieron a un cuestionario semiestruturado en línea. Los datos fueron interpretados según

¹ Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó/SC – Brasil.

² Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó/SC – Brasil.

la técnica de análisis de contenido propuesta por Bardin (2016). El artículo está vinculado a la Línea de investigación II, Diversidad, interculturalidad y educación inclusiva, al ODS 4 – Educación de Calidad, y al grupo de investigación SULEAR. Los resultados indican que la pronunciación, exactitud y densidad léxica, destacadas por ambos grupos, son esenciales para la claridad, confianza y expresividad en la comunicación.

Palabras clave: creencias y actitudes lingüísticas; inglés como segunda lengua; inteligibilidad; enseñanza y aprendizaje.

Introdução

A inteligibilidade da produção oral em língua inglesa pode ser compreendida como a capacidade de um falante ser claramente entendido por interlocutores, independentemente de seu sotaque ou variações linguísticas (Smith; Nelson, 1985; Kenworthy, 1987). Esse conceito é central para a comunicação eficaz e para a inclusão em contextos educacionais e sociais internacionais, em que a compreensão mútua é essencial. Exemplos incluem a capacidade de transmitir instruções, participar de discussões em sala de aula ou interagir em ambientes profissionais com falantes nativos e não nativos. Diversos estudos apontam a importância de as pessoas serem bem compreendidas. Destacam-se as pesquisas de Smith e Nelson (1985), Kenworthy (1987), Munro e Derwing (1995), Bamgbose (1998), Jenkins (2000), Walker (2010) e Chan (2021).

Além disso, outros fatores, como fluência, mencionada por Skehan (1996) e Mota (2000); acurácia, conforme Foster e Skehan (1996), Mota (2000) e Housen e Kuiken (2009); complexidade, segundo Mota (2000) e Ellis (2003); densidade lexical, conforme Caldas (2018); sotaque, citado por Oliveira (2018); e pronúncia, discutida por Castilho e Reis (2020) e Kirkova-Naskova (2019), influenciam diretamente a inteligibilidade, exigindo atenção pedagógica diferenciada no ensino do inglês como segunda língua³.

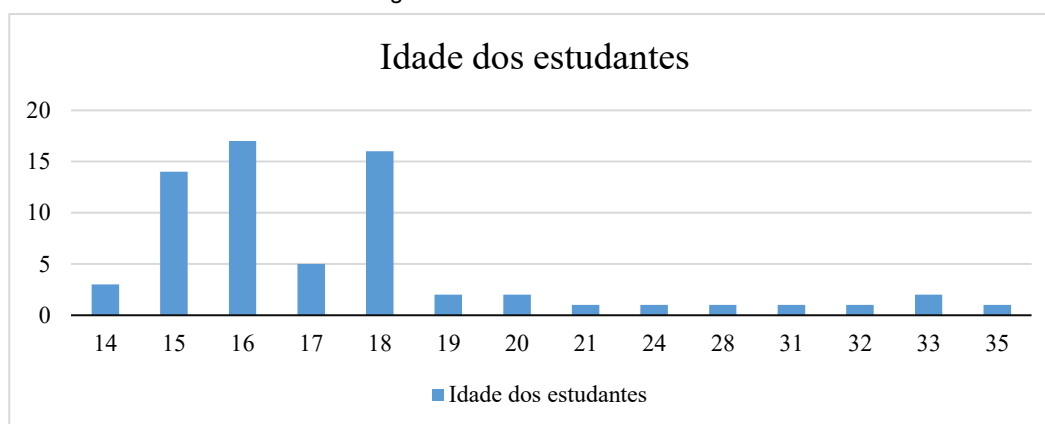
A inteligibilidade na produção oral difere significativamente entre língua materna e segunda língua. Enquanto, na língua materna, a compreensão depende principalmente de fatores contextuais e culturais já internalizados pelo falante e pelo ouvinte, na segunda língua a inteligibilidade envolve desafios adicionais relacionados à pronúncia, acurácia gramatical, densidade lexical e fluência, que influenciam diretamente a comunicação. Em contextos de segunda língua, mesmo que o ouvinte conheça o idioma, desvios fonológicos ou limitações lexicais podem comprometer a compreensão. Dessa forma, o desenvolvimento da produção oral em língua inglesa demanda estratégias diferenciadas de ensino, focadas na clareza e na expressividade, elementos que não são obstáculos na comunicação em língua materna.

Deste modo, este artigo tem como objetivo descrever a percepção dos docentes e discentes da escola Lifelike Idiomas de Seara/SC em relação à inteligibilidade da produção oral do inglês para a comunicação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e explicativa, com geração de dados empíricos por meio de questionários online, envolvendo sessenta e sete estudantes adolescentes e adultos com idades entre 14 e 35 anos conforme Figura 1, de

³Justificamos que segunda língua está sendo utilizada nesse artigo como um termo “guarda-chuva”, abrangendo segundas e terceiras línguas, línguas adicionais e línguas estrangeiras.

nível intermediário (B1) da escola Lifelike Idiomas, localizada em Seara, SC, município que possui aproximadamente 20 mil habitantes. Grande parte da população está empregada na indústria alimentícia, setor que representa a principal atividade econômica do município. A escolha da escola justifica-se pelo fato do pesquisador atuar como docente no local, o que possibilitou acesso direto aos participantes e à realidade pedagógica da instituição. O nível intermediário foi selecionado por corresponder ao estágio em que os estudantes apresentam maior produção oral e interação comunicativa, estando também há aproximadamente seis anos em contato contínuo com a língua inglesa na escola.

Figura 1. Idade dos estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Além dos estudantes, a pesquisa incluiu a participação de seis professores da escola, com idades variando entre 19 e 39 anos e tempo de experiência docente entre 1 e 20 anos. Essa diversidade em idade e trajetória profissional permitiu a coleta de diferentes perspectivas e abordagens pedagógicas. Todos os seis docentes responderam ao formulário, sendo quatro do gênero feminino (66,6%) e dois do gênero masculino (33,3%).

Tabela 1. Informações sobre os professores

Professor	Idade
Professora 1	23
Professor 2	19
Professora 3	39
Professora 4	24
Professor 5	27
Professora 6	27

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Este estudo é um recorte dos resultados da dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó –

UNO, permitindo compreender, de forma contextualizada, as percepções de docentes e discentes sobre a inteligibilidade da produção oral em inglês como segunda língua.

Os resultados foram analisados por meio de Bardin (2016), que define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas voltadas à descrição das mensagens, permitindo a obtenção de indicadores que possibilitam inferir conhecimentos sobre as condições de produção e recepção dessas comunicações. Além disso, a fala dos participantes foi interpretada considerando a Análise do Discurso, com inspiração em Bakhtin (1997), que reflete que, embora cada enunciado seja individual, ele se insere em padrões relativamente estáveis de uso da língua, próprios de diferentes contextos comunicativos.

A seguir, são apresentados conceitos e exemplos sobre a inteligibilidade da produção oral em língua inglesa, destacando os fatores que a influenciam, como pronúncia, complexidade, acurácia e densidade lexical. Serão discutidas definições de cada elemento e sua relevância para a compreensão do falante.

A inteligibilidade da produção oral na língua inglesa

No ensino e no aprendizado da língua inglesa, observamos que um fator de preocupação para os professores é fazer com que os estudantes desenvolvam a produção oral e que esta seja também inteligível. O conceito de inteligibilidade na língua inglesa é importante e tem sido amplamente estudado. De acordo com Smith e Nelson (1985, p. 334, tradução nossa), é definida como o “reconhecimento de palavra/enunciado⁴”. Segundo Kenworthy (1987, p. 13, tradução nossa), “inteligibilidade é ser compreendido por um ouvinte em um determinado momento e em uma determinada situação⁵”. Para Field (2005, p. 401, tradução nossa), “[...] refere-se à medida em que o conteúdo acústico-fonético da mensagem é reconhecível por um ouvinte⁶”. E, para Walker (2010, p. 19, tradução nossa), “[...] em configurações ELF, é o resultado do processamento bem-sucedido do sinal acústico – o contínuo de som que o ouvinte ouve⁷”. Vale destacar que, nesse enfoque, o autor concentra-se exclusivamente no significante, ou seja, na percepção acústica do ouvinte, sem considerar fatores semânticos ou contextuais que também podem influenciar a compreensão na comunicação em inglês como segunda língua.

Jenkins (2000) destaca a importância da inteligibilidade e do reconhecimento da forma fonológica para uma comunicação eficaz em uma conversa. Essa perspectiva indica que, no ensino de línguas, não basta o aprendizado de vocabulário e gramática: é essencial que o falante consiga ser compreendido em contextos reais de comunicação. Bamgbose (1998) discute a complexidade da inteligibilidade:

⁴ “word/utterance recognition” (Smith; Nelson, 1985, p. 334).

⁵ “Intelligibility is being understood by a listener at a given time in a given situation” (Kenworthy, 1987, p. 13).

⁶ “[...] it refers to the extent to which the acoustic-phonetic content of the message is recognizable by a listener” (Field, 2005, p. 401).

⁷ “[...] in ELF settings, it is the result of successful processing of the acoustic signal – the continuum of sound that the listener hears it refers to the extent to which the acoustic-phonetic content of the message is recognizable by a listener” (Walker, 2010, p. 19).

[...] sabemos que a inteligibilidade é uma questão complexa, que um falante nativo não é necessariamente o juiz infalível do que é inteligível, nem é necessariamente mais inteligível do que um falante não nativo, e que o que é chamado de inteligibilidade é talvez um complexo de fatores que compreendem o reconhecimento de uma expressão, o conhecimento do seu significado e o conhecimento do que esse significado significa no contexto sociocultural (Bamgbose, 1998, p.11, tradução nossa).⁸

Assim, aplicar essas ideias à aprendizagem de inglês como língua adicional exige estratégias pedagógicas que considerem a diversidade linguística e cultural dos estudantes, reforçando que a inteligibilidade não é absoluta, mas negociada no contexto comunicativo.

A inteligibilidade na língua inglesa também está relacionada à compreensibilidade, entendida como a capacidade do ouvinte atribuir significado ao que é produzido. Diferentemente de Walker (2010), que explica que a inteligibilidade foca apenas no processamento acústico do sinal sonoro (significante), a compreensibilidade abrange o nível semântico, considerando fatores que permitem ao ouvinte compreender o conteúdo da mensagem. Para Smith e Nelson (1985, p. 334, tradução nossa) a compreensibilidade refere-se ao “significado de uma palavra ou enunciado⁹”. Munro e Derwing (1995, p. 291, tradução nossa) destacam que “[...] usamos o termo compreensibilidade para nos referirmos às percepções do ouvinte sobre a dificuldade em compreender enunciados específicos¹⁰”. Esses conceitos sugerem que, no ensino de inglês, não é suficiente focar apenas na pronúncia correta; é necessário também considerar a construção de significados e a interpretação do ouvinte, reconhecendo que a compreensão depende de fatores semânticos, contextuais e socioculturais, especialmente em contextos com falantes de diferentes origens linguísticas.

Chan (2021) destaca que a inteligibilidade e a compreensibilidade são fenômenos multifacetados, influenciados por diversos fatores relacionados ao falante, ao ouvinte e ao contexto, os quais impactam o aprendizado da segunda língua.

[...] a inteligibilidade e a compreensibilidade são influenciadas por uma ampla gama de variáveis. Ao julgar a inteligibilidade e a compreensibilidade, tanto os ouvintes falantes nativos quanto os não-nativos consideram não apenas aspectos relacionados à pronúncia e à fluência, que contribuem para as atitudes em relação aos sotaques da L2, mas também fatores gramaticais, lexicais e baseados no discurso, bem como fatores contextuais e variáveis situacionais (Chan, 2021, p. 5, tradução nossa).¹¹

Chan (2021) também ressalta que, para aprimorar a inteligibilidade dos estudantes, é necessário focar na competência de produção oral para que eles sejam compreendidos

⁸ “[...] we know that intelligibility is a complex matter, that a native speaker is not necessarily the infallible judge of what is intelligible nor is he or she even necessarily more intelligible than a nonnative speaker, and that what is called intelligibility is perhaps a complex of factors comprising recognizing an expression, knowing its meaning, and knowing what that meaning signifies in the sociocultural context” (Bamgbose, 1998, p. 11).

⁹ “the meaning of a word or an utterance” (Smith e Nelson, 1985, p. 334).

¹⁰ “[...] We use the term comprehensibility to refer to listener’s perceptions of difficulty in understanding particular utterances (Munro; Derwing, 1995, p. 291).

¹¹ “intelligibility and comprehensibility are influenced by a broad range of variables. When judging intelligibility and comprehensibility, both native speaker and non-native speaker listeners consider not only pronunciation- and fluency-related aspects, which contribute to attitudes towards L2 accents, but also grammatical, lexical, and discourse-based factors as well as contextual and situational variables” (Chan, 2021, p. 5).

pelos interlocutores. Isso não significa que devam imitar falantes nativos de inglês, uma vez que sotaques diversos podem ser igualmente inteligíveis. Em relação à compreensibilidade, o foco não se restringe às habilidades receptivas — *listening* e *reading* —, mas envolve a interação entre a produção do falante e a interpretação do ouvinte, destacando a importância de desenvolver tanto a capacidade de compreender diferentes variedades do inglês quanto de produzir enunciados claros em contextos comunicativos variados. Essas perspectivas indicam que o ensino de inglês deve ir além da correção fonética e do modelo nativo, promovendo estratégias que valorizem a diversidade linguística e cultural dos aprendizes, ao mesmo tempo em que fortalecem a capacidade de produzir e interpretar significados em contextos comunicativos variados.

Para melhorar a inteligibilidade na língua inglesa da produção oral, apontamos que também é importante compreender o que é fluência, acurácia, complexidade, densidade lexical, sotaque e pronúncia. Sintetizamos os conceitos, definições e autores no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1. Conceitos fundamentais da produção oral em inglês

Conceito	Definição resumida	Autores
Fluência	Capacidade de comunicar-se de forma contínua e natural, mobilizando recursos linguísticos em tempo real.	Skehan (1996); Mota (2000)
Acurácia	Uso correto de estruturas gramaticais, vocabulário e normas da língua.	Foster e Skehan (1996); Housen e Kuiken (2009)
Complexidade	Organização e elaboração interna do enunciado, refletida na variedade sintática e lexical.	Mota (2000); Ellis (2003)
Densidade lexical	Variedade e riqueza do vocabulário; uso de sinônimos e substituições para evitar repetição.	Caldas (2018)
Sotaque	Particularidades na pronúncia; natural na aquisição da L2 e relevante enquanto não comprometa a compreensão.	Oliveira (2018); Munro e Derwing (1995)
Pronúncia	Características fonéticas, ritmo e entonação mobilizadas para garantir a compreensão efetiva.	Castilho e Reis (2020); Kirkova-Naskova (2019)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O termo fluência nem sempre é fácil de definir. Por fluência, Skehan (1996) cita que é “a capacidade de mobilizar os recursos linguísticos de alguém a serviço da comunicação em tempo real, ou seja, de produzir (e compreender) a fala em taxas relativamente normais, aproximando-se (mas não necessariamente idêntico) da própria língua nativa taxas de fala¹²” (1996, p. 48, tradução nossa). Mota (2000) acrescenta que “para examinar a fluência, de acordo com esta definição, seria necessário determinar características como velocidade de fala, pausa, reformulação, hesitação e redundância¹³” (Mota, 2000, p. 73, tradução nossa, apud Skehan, 1996). Esses elementos indicam que a fluência não se restringe à rapidez da fala, mas envolve a habilidade de manter uma comunicação contínua e inteligível. Essa perspectiva reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que

¹² “the capacity to mobilize one’s linguistic resources in the service of real-time communication, i.e. to produce (and comprehend) speech at relatively normal rates, approaching (but not necessarily identical to) one’s own native-language speech rates” (Skehan, 1996, p. 48).

¹³ “to examine fluency, according to this definition, would require determining features such as speech rate, pausing, reformulation, hesitation, and redundancy” (Mota, 2000, p. 73, apud Skehan, 1996).

desenvolvam a fluência funcional dos estudantes, permitindo-lhes expressar ideias de forma natural e compreensível, mesmo diante de limitações linguísticas.

A acurácia, conforme Foster e Skehan (1996, p. 304, tradução nossa), refere-se à “ausência de erros, com base em qualquer linguagem usada¹⁴”, ou seja, a precisão na produção oral. Do mesmo modo, Housen e Kuiken (2009, p. 2, tradução nossa) comentam que a acurácia é “a capacidade de produzir uma fala sem erros¹⁵”. Mota (2000, apud Skehan, 1996) complementa que a acurácia se relaciona com as normas da linguagem e com as crenças dos estudantes nessas normas. Essa compreensão evidencia que o desenvolvimento da acurácia não deve se restringir à correção formal, mas considerar também a percepção e os valores que os aprendizes atribuem à língua. Na escola, trabalhar a acurácia implica equilibrar a correção com a comunicação real, permitindo que os estudantes produzam enunciados sem comprometer a fluência ou a naturalidade da fala.

De acordo com Mota, a complexidade refere-se “à organização e elaboração e estruturação interna do que é dito, refletida na variedade de padrões sintáticos que o aluno utiliza¹⁶” (Mota, 2000, p. 73, tradução nossa, apud Foster; Skehan, 1996; Skehan, 1996). Ellis (2003, p. 340, tradução nossa) complementa que a complexidade é “a medida que a linguagem produzida na execução de uma tarefa é elaborada e variada¹⁷”. Esse conceito indica que, no ensino de inglês como segunda língua, estimular a complexidade vai além de ensinar estruturas isoladas: trata-se de promover a capacidade do estudante de produzir enunciados mais elaborados, combinando ideias de maneira coesa e diversificada.

Segundo Caldas (2018, p. 36-37), a densidade lexical “diz respeito ao repertório de palavras que a pessoa tem à sua disposição para se expressar. Em relação à aprendizagem de uma L2, acontece, por exemplo, quando o aprendiz utiliza a substituição lexical (sinônimos) para expressar uma mesma ideia”. Amparada em Halliday (1985) e Ure (1971), Caldas (2018) comenta que há diferenças entre a densidade lexical escrita e falada. Visto que a repetição reduz o efeito da densidade, ao evitar o uso de palavras ou estruturas repetidas e substituir por outras, do mesmo nível semântico, a produção oral se torna mais densa. Desse modo, a densidade lexical está relacionada ao aparato lexical do estudante. Trabalhar a densidade lexical significa incentivar os estudantes a ampliar seu vocabulário, permitindo que produzam enunciados mais variados e precisos. Essa prática contribui para a expressividade e a clareza na comunicação oral.

Em relação ao sotaque, Oliveira (2018) destaca que é possível identificá-lo pelas particularidades na pronúncia da segunda língua. A autora se ampara em Munro e Derwing (1995) e Munro (2008) para explicar que, no início, por volta de 1970, era visto como algo ruim e indesejável e buscava-se ao máximo a correção para aproximar-se de falantes nativos. Porém, com o tempo, passou a ser visto como um aspecto natural na aquisição da segunda língua, principalmente a partir da mudança metodológica promovida pelas abordagens comunicativas, que passaram a priorizar a inteligibilidade e a eficácia da

¹⁴ “freedom from error, based on whatever language is used” (Foster; Skehan, 1996, p. 304).

¹⁵ “the ability to produce error-free speech” (Housen; Kuiken, 2009, p. 2).

¹⁶ “Complexity concerns the organization and internal elaboration and structuring of what is said, reflected in the variety of syntactic patterning the learner uses” (Mota, 2000, apud Foster; Skehan, 1996; Skehan, 1996).

¹⁷ “the extent to which the language produced in performing a task is elaborate and varied” (Ellis, 2003, p. 340).

comunicação em vez da imitação do modelo nativo. Essa mudança pedagógica enfatizou a compreensão mútua e a negociação de significado, reconhecendo a diversidade de sotaques como compatível com uma comunicação bem-sucedida.

Quanto à pronúncia, Castilho e Reis (2020, p. 108) definem como:

Entende-se por pronúncia o conjunto de características fonéticas articulatórias e acústicas mobilizadas pelo falante em determinada língua. Espera-se que os fonemas realizados pelo falante, bem como o ritmo de sua fala e o percurso melódico (tonal) da fala, estejam enquadrados aos modelos de uma determinada comunidade de fala.

De acordo com Kirkova-Naskova (2019), para o ensino da pronúncia, os professores devem avaliar o material didático e selecionar ou adaptar os exercícios que melhor atendam às necessidades dos estudantes. Além disso, deve-se refletir sobre os aspectos da pronúncia, visto que as estruturas do sistema de som funcionam inseparáveis umas das outras. Os estudantes devem ter oportunidades frequentes de praticar em contextos reais, de modo que a pronúncia se torne gradualmente mais inteligível e espontânea. Assim, podem incorporar estruturas fonológicas em novas palavras e frases.

Ter consciência da relevância da pronúncia na comunicação falada é um passo vital para a sua aquisição eficaz. Os estudantes de uma segunda língua/estrangeira não podem esperar ser compreendidos se falarem de uma forma inteligível ou monótona. Os professores devem ajudar os estudantes a reconhecer os seus erros de pronúncia e motivá-los a melhorar a sua fala geral na L2, dados os efeitos emocionais e sociolinguísticos da pronúncia na pragmática da mensagem falada (Kirkova-Naskova, 2019, p. 127, tradução nossa).¹⁸

Essa perspectiva evidencia que a pronúncia não é apenas um aspecto técnico da língua, mas um elemento central para a compreensão e a eficácia comunicativa. Trabalhar a pronúncia implica ajudar os estudantes a reconhecerem e corrigirem seus próprios erros, promovendo ao mesmo tempo motivação e consciência sobre os impactos emocionais e sociolinguísticos da fala. Dessa forma, a atenção à pronúncia contribui diretamente para a inteligibilidade, a naturalidade e a expressividade na comunicação oral.

A partir disso, Brown (2001) aponta fatores que podem facilitar a comunicação oral e auxiliar na inteligibilidade e que complementam a compreensão de fluência, acurácia, complexidade, densidade lexical, sotaque e pronúncia. É necessário praticar e estudar esses fatores para que não se tornem empecilhos na produção oral. Esses fatores são: o agrupamento, em que os estudantes podem organizar seus resultados tanto cognitivamente quanto fisicamente; a redundância, para tornar o significado mais claro e aproveitar esse recurso da linguagem falada; as formas reduzidas, como contrações, elisões, vogais reduzidas, que podem ser problemas no ensino comunicativo; as variáveis de desempenho, em que o processo de pensar enquanto fala permite manifestar um certo número de

¹⁸ "Being aware of the relevance of pronunciation in spoken communication is a vital step in its effective acquisition. Learners of a second/foreign language cannot expect to be understood if they speak in an unintelligible or monotonous way. Teachers should help learners recognize their mispronunciations and motivate them to improve their overall L2 speech given the emotional and sociolinguistic effects of pronunciation on the pragmatics of spoken message" (Kirkova-Naskova, 2019, p. 127).

hesitações, pausas, retrocessos e correções no desempenho; a linguagem coloquial, para familiarizar os estudantes com palavras, expressões idiomáticas e frases da linguagem coloquial; a taxa de entrega, para ajudar os aprendizes a atingir uma velocidade aceitável junto com outros atributos de fluência; o acento, ritmo e entonação, devido à importância do ritmo acentuado do inglês falado e seus padrões de entonação; e a interação, para a negociação conversacional.

Desse modo, a inteligibilidade da língua inglesa e elementos como fluência, acurácia, complexidade, densidade lexical, sotaque e pronúncia influenciam e se articulam no processo de desenvolvimento da produção oral do inglês como segunda língua. A inteligibilidade é ser compreendido por outras pessoas. A fluência é comunicar-se de forma contínua e natural. A acurácia refere-se ao uso correto das estruturas gramaticais e do vocabulário. A complexidade envolve a construção de enunciados mais complexos. A densidade lexical diz respeito à riqueza e variedade de palavras e vocabulário utilizado. E a pronúncia é essencial para garantir que o ouvinte compreenda o que está sendo dito. Esses fatores auxiliam e favorecem uma boa comunicação em contextos reais de uso da língua. Esses conceitos não apenas fundamentam teoricamente a produção oral, mas também servem de base para a análise empírica da pesquisa, uma vez que foram operacionalizados nas perguntas do questionário online aplicado a docentes e discentes da escola Lifelike Idiomas de Seara/SC. Ao relacionar a percepção dos participantes com cada um desses elementos, é possível descrever os fatores considerados mais relevantes para a inteligibilidade na comunicação oral em inglês.

Percepções discentes e docentes: inteligibilidade

Os sessenta e sete estudantes de nível intermediário e seus respectivos seis professores foram questionados sobre a inteligibilidade na língua inglesa e também sobre os outros fatores como pronúncia, complexidade, densidade lexical e acurácia durante a comunicação em língua inglesa.

Apresentamos a seguir um quadro com as perguntas feitas aos docentes e discentes:

Quadro 2. Estrutura do questionário aplicado a discentes e docentes sobre percepção da inteligibilidade na produção oral em inglês

	Pergunta	Tipo de resposta	Constructo avaliado
1	Assinale quais aspectos você presta mais atenção enquanto fala em inglês (alunos) / Durante o <i>speaking</i> , você percebe que os alunos prestam atenção em algum desses aspectos? (professores)	Múltipla escolha e justificativa	Atenção a aspectos da produção oral: inteligibilidade, pronúncia, complexidade, densidade lexical, acurácia
2	Para você é importante falar em inglês com inteligibilidade, ou seja, falar de forma clara e compreensível? (alunos) / Você acredita que é importante que os alunos falem em inglês com inteligibilidade? (professores)	Sim / Talvez / Não e justificativa	Percepção sobre a importância da inteligibilidade

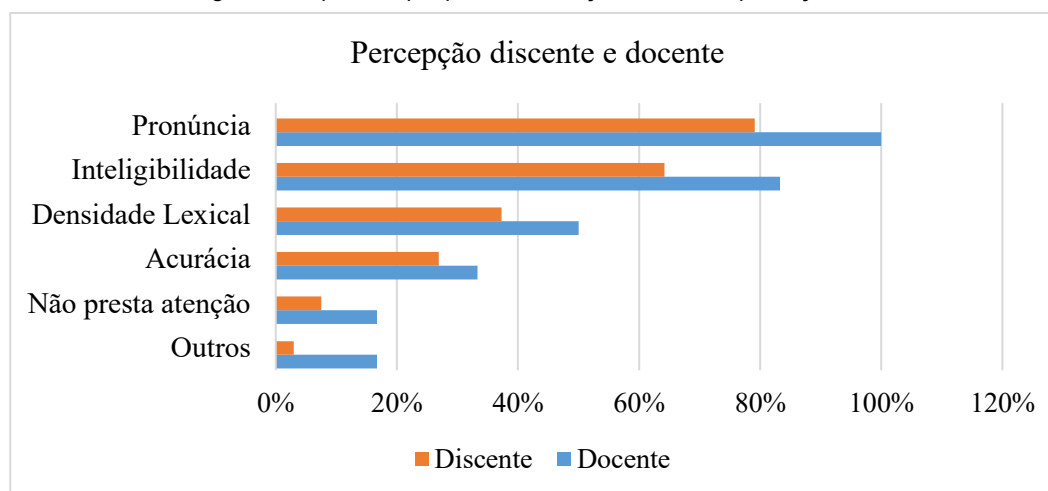
3	Você considera que o seu <i>speaking</i> em inglês é inteligível, ou seja, claro e compreensível para que os ouvintes possam entender sua mensagem de forma eficiente e sem dificuldades, considerando aspectos como pronúncia, vocabulário e fluência? (alunos) / Você acredita que seus alunos apresentam um <i>speaking</i> inteligível, ou seja, que sua produção oral em inglês é clara e compreensível para que os ouvintes entendam a mensagem transmitida, levando em conta aspectos como pronúncia, vocabulário e fluência? (professores)	Sim / Talvez / Não e justificativa	Percepção sobre a própria inteligibilidade / inteligibilidade dos alunos
---	--	------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A pergunta feita aos discentes foi: Assinale quais aspectos você presta mais atenção enquanto fala em inglês. As opções incluíam: inteligibilidade (ser compreensível), pronúncia, complexidade (utilização de estruturas gramaticais adequadas e vocabulário utilizado), densidade lexical (uso de substantivos, verbos, adjetivos, advérbios...), acurácia (ausência de erros) e não presto atenção nesses aspectos e outros, com a possibilidade de escolher mais que uma alternativa. Os resultados mostraram que 79,1% (53 discentes) indicaram a pronúncia, 64,2% (43), a inteligibilidade, 37,3% (25), a densidade lexical, 26,9% (18), a acurácia, 7,5% (5), não prestam atenção nesses aspectos e 3% (2), outros.

E para os docentes perguntamos: Durante o *speaking*, você percebe que os alunos prestam atenção em algum desses aspectos? Com as mesmas opções de resposta e a possibilidade de selecionar mais do que uma alternativa. Os resultados apontaram que 100% (6 docentes) citaram a pronúncia, 83,3% (5), a inteligibilidade, 50% (3), a densidade lexical, 33,3% (2), a acurácia, 16,7% (1), não prestam atenção nesses aspectos e 16,7% (1), outros. As respostas de ambos os grupos estão ilustradas na Figura 2.

Figura 2. Aspectos que prestam atenção durante a produção oral



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Pedimos aos discentes e docentes que justificassem as alternativas assinaladas e as respostas revelaram que todos os aspectos propostos foram mencionados, com a pronúncia sendo a mais destacada, seguida pela inteligibilidade, densidade lexical e

acurácia. Esses achados corroboram a hipótese dos pesquisadores, de que esses fatores são percebidos como centrais para a comunicação oral em inglês. Resultados semelhantes foram observados em pesquisas anteriores sobre inteligibilidade e produção oral de L2, como os estudos de Munro e Derwing (1995, 2008) e Kirkova-Naskova (2019), que também destacaram a pronúncia como um elemento-chave na percepção de inteligibilidade. Além das opções principais, alguns discentes assinalaram que não prestam atenção a esses aspectos. O ritmo da fala também foi mencionado na categoria outros, indicando que os estudantes percebem fatores adicionais além daqueles listados no questionário.

De modo mais específico, os discentes que mencionaram a pronúncia prestam atenção nesse aspecto para serem compreendidos. A discente 37 (2024) afirma que:

Sempre levo em consideração a pronúncia que aprendo durante as aulas de inglês e também com as mídias que consumo durante a leitura. Falar de forma clara é muito importante para mim. Tenho dificuldade na minha fala em português, então, em inglês, tento tomar um pouco mais de cuidado com esses aspectos.

O relato da discente 37 evidencia a centralidade da pronúncia como estratégia para alcançar a inteligibilidade, mas também revela a influência de fatores individuais em sua aprendizagem. Ao relacionar suas dificuldades na fala em português com os cuidados na produção oral em inglês, a estudante demonstra consciência metalinguística e uma postura ativa diante do processo de aprendizagem.

Os docentes confirmam que os estudantes costumam observar e perguntar sobre a pronúncia das palavras. Essa percepção dialoga com os estudos de Castilho e Reis (2020), que destacam a pronúncia como elemento central para a inteligibilidade e para o desenvolvimento de uma comunicação eficaz em língua inglesa, e de Kirkova-Naskova (2019), que ressalta o papel da pronúncia na construção da identidade linguística do falante e na sua aceitação em interações comunicativas.

Os discentes que citaram a inteligibilidade afirmam que se esforçam para falar com clareza para serem compreendidos, visto que é fundamental para a produção oral, embora o nervosismo possa atrapalhar. A discente 15 (2024) explica que “eu me preocupo com a minha fala e presto muita atenção na fonética durante o speaking, para garantir que estou me expressando bem. Isso me ajuda a melhorar a clareza e a precisão na comunicação”. A discente 7 (2024) complementa: “O meu foco ao falar em inglês é principalmente na pronúncia das palavras e na clareza do que estou dizendo, buscando sempre garantir que o ouvinte me compreenda”. Os docentes observam que os estudantes buscam falar com clareza. Os relatos dos participantes evidenciam que a preocupação com a clareza na fala em língua inglesa está diretamente ligada ao desejo de serem compreendidos. Esse termo, segundo os sujeitos da pesquisa, aproxima-se do conceito de inteligibilidade, definido por Smith e Nelson (1985), Jenkins (2000) e Munro e Derwing (1995) como a capacidade de o ouvinte entender o que está sendo dito. Além disso, a clareza também se relaciona à compreensibilidade, conforme discutem Kenworthy (1987) e Walker (2010), que a entendem como a busca do ouvinte para compreender a mensagem.

Os discentes que citaram a densidade lexical mencionam dificuldades no uso de substantivos e verbos. Os docentes também notam que alguns estudantes apresentam

baixa densidade lexical, pois utilizam frases curtas e sem as conjugações apropriadas. Tal constatação confirma a análise de Caldas (2018), que associa a baixa densidade à repetição de palavras e estruturas e à ausência de variedade lexical. No entanto, diferentemente do que se poderia supor para aprendizes de nível intermediário — que já deveriam demonstrar maior variedade lexical e estruturas mais elaboradas —, tais dificuldades revelam uma limitação no desenvolvimento da produção oral. Esse resultado aponta que, embora os estudantes avancem no domínio da gramática e da comunicação, ainda encontram obstáculos na ampliação do repertório lexical e na construção de enunciados mais complexos, sugerindo a necessidade de práticas pedagógicas específicas para expandir a densidade lexical no speaking.

Os discentes que mencionaram a acurácia ressaltam a importância desse aspecto para evitar erros na produção oral e corrigi-los quando possível. A discente 12 (2024) afirma que “quando falo em inglês, procuro perceber como estou me expressando e, se perceber algum erro, tento corrigi-lo durante a fala para praticar a forma correta e lembrar dela nas próximas vezes”. A discente 25 (2024) cita sobre a acurácia e também sobre a inteligibilidade e a densidade lexical citadas anteriormente:

Enquanto falo em inglês, presto mais atenção na inteligibilidade, na densidade lexical e na acurácia. Acredito ser importante falar de forma clara para que as pessoas me compreendam sem dificuldades. Também me esforço para usar uma boa variedade de vocabulário e evitar erros, pois acredito que isso torna minha comunicação mais eficaz e compreensível.

Os docentes também percebem que os estudantes buscam corrigir os próprios erros e perguntam quando estão com dúvidas. A docente 6 (2024) comenta sobre isso:

Percebo que eles se corrigem quando falam alguma palavra incorretamente ou me perguntam qual seria a forma correta. O mesmo acontece com o uso das formas verbais, pois eles falam a frase em voz alta, depois refletem sobre o que disseram e me pedem para confirmar se estão certos.

As percepções de ambos os grupos sobre a acurácia se relacionam com os estudos de Foster e Skehan (1996), Mota (2000) e Housen e Kuiken (2009). Os autores definem a acurácia como a ausência ou minimização de erros linguísticos, vinculada ao respeito às normas da língua-alvo, e destacam que o esforço consciente do aprendiz em monitorar e corrigir a própria produção contribui para o seu desenvolvimento. Esse entendimento é reiterado pelas falas dos discentes, que relatam a preocupação em evitar erros e em se autocorrigir, e pelos docentes, que observam esse movimento de autorreflexão e de busca de confirmação junto ao professor.

Os discentes que não prestam atenção em nenhum desses aspectos mencionam a desatenção ou a falta de fluência como justificativas. Os docentes também notam que alguns estudantes não se atentam a isso, como relata o docente 5 (2024):

Acredito que isso depende muito de aluno para aluno. Enquanto alguns prestam atenção para serem inteligíveis e pronunciar de forma correta, outros não se atentam a esses aspectos, muitas vezes respondendo de forma curta e utilizando apenas os verbos nas frases, sem fazer as conjugações necessárias que já foram estudadas por eles, o que dificulta na compreensão da fala.

Por fim, os discentes que citaram outros, comentam que observam o ritmo da fala, e os docentes confirmam que esse também é um aspecto observado pelos estudantes, o que está em consonância com Castilho e Reis (2020) e Brown (2001).

A partir das respostas obtidas, observamos uma forte ênfase na pronúncia e na inteligibilidade, o que demonstra preocupação com a clareza na comunicação, essencial para a eficácia da interação oral. Também percebemos que há consciência sobre as limitações em relação à acurácia e à densidade lexical, com a busca por aprimoramento e maior precisão. O ritmo também é relevante, está diretamente ligado à compreensão e fluidez, apontando para uma possível área a ser explorada no ensino da produção oral. Esse aspecto dialoga com Jenkins (2000), que destaca a importância do ritmo, entonação e acentuação para a inteligibilidade na comunicação oral, e com Munro e Derwing (1995; 2008), que apontam que a fluência e o ritmo influenciam a compreensão do ouvinte.

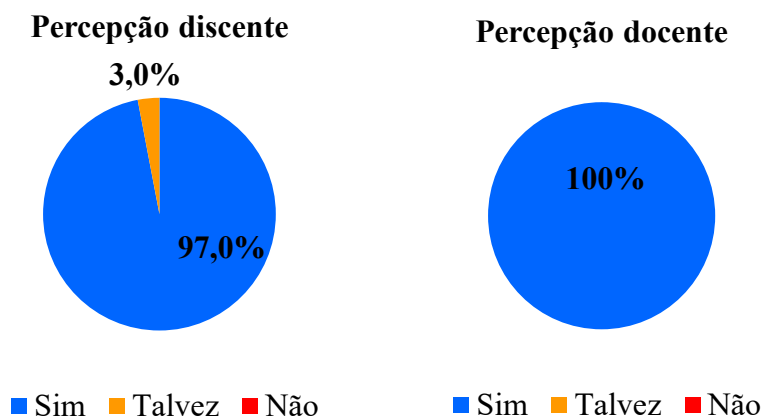
Por outro lado, enquanto a maioria dos discentes menciona atenção a esses aspectos, um pequeno grupo não presta atenção à pronúncia, inteligibilidade, densidade lexical ou acurácia, de acordo com as respostas do questionário. Com isso, inferimos que fatores como nível de confiança ao se expressar, foco na comunicação com vocabulário básico, tempo dedicado ao estudo da língua inglesa e prática da produção oral podem explicar essa diferença.

Contudo, os resultados indicam a relevância de trabalhar aspectos como pronúncia, inteligibilidade, acurácia, densidade lexical e ritmo, uma vez que esses elementos contribuem para uma comunicação mais clara e compreensível em inglês.

A segunda pergunta para os discentes foi: Para você, é importante falar em inglês com inteligibilidade, ou seja, falar de forma clara e compreensível? Com as seguintes opções: sim, talvez ou não. Dos participantes, 97% (65 discentes) responderam sim, e 3% (2), talvez.

Para os docentes, a pergunta foi: Você acredita que é importante os alunos falarem em inglês com inteligibilidade, ou seja, falar de forma clara e compreensível? As opções de resposta foram as mesmas. Os resultados apontaram que 100% (6 docentes) responderam que sim. Os resultados de ambos os grupos estão ilustrados na Figura 3.

Figura 3. Percepção da importância da inteligibilidade para a produção oral pelos sujeitos docentes e discentes



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Nessa pergunta, também pedimos que os discentes e docentes justificassem a alternativa assinalada. Os discentes que responderam “sim” afirmaram que consideram muito importante falar com clareza para serem compreendidos mais facilmente, melhorar a comunicação e o diálogo, além de evitar dúvidas e mal-entendidos. Reconhecem que, às vezes, podem usar palavras de forma incorreta, mas conseguem se explicar para garantir que a mensagem seja entendida. A inteligibilidade é vista como essencial, especialmente em contextos profissionais e acadêmicos, pois facilita a transmissão de ideias e informações e consideram, assim, a língua inglesa a porta de entrada para o mundo.

Destacamos algumas citações, como a da discente 15 (2024) que observa: “Falar com clareza em inglês é muito importante para garantir que as ideias sejam compreendidas corretamente e evitar mal-entendidos”. A discente 16 (2024) acrescenta: “Com certeza! Como o inglês é nossa segunda língua e ainda não temos total domínio sobre ele, a clareza no que falamos é essencial para garantir que nossa mensagem seja compreendida corretamente”.

A discente 17 (2024) destaca que “sim, falar com clareza sempre ajuda e facilita a compreensão. Claro que, às vezes, posso usar uma palavra de forma errada, mas consigo me explicar e garantir que o outro entenda, o que também é essencial na comunicação”. A discente 37 (2024) complementa: “Falar de forma clara tem um impacto direto em uma conversa em inglês. Compreender e ser compreendido é essencial, independentemente do idioma. Manter essas conversas de maneira natural e tranquila contribui muito para a confiança de quem está aprendendo inglês”.

A discente 60 (2024) ressalta que, “muitas vezes, a velocidade da fala pode ser mais rápida, e o inglês possui várias palavras com pronúncias semelhantes. Por isso, é essencial falar com clareza para garantir a compreensão dos ouvintes”. A discente 25 (2024) também reforça essa visão:

Falar com clareza é fundamental para garantir que a mensagem seja transmitida corretamente. Quando consigo me expressar bem, sinto que a comunicação se torna muito mais eficiente e as pessoas me entendem melhor. A inteligibilidade é crucial, especialmente em situações profissionais ou acadêmicas, para transmitir as ideias e informações desejadas.

Os discentes que responderam “talvez” afirmaram que, dependendo da pessoa com quem estão conversando, a inteligibilidade pode não ser tão necessária. Além disso, mencionaram que ainda não falam de forma inteligível. Essa percepção encontra respaldo na literatura sobre inteligibilidade na língua inglesa. Jenkins (2000) e Chan (2021) destacam que a inteligibilidade não depende apenas da pronúncia correta, mas também do contexto, das expectativas do ouvinte e do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, o que explica por que alguns estudantes podem considerar sua fala compreensível em certas situações, mas não em outras.

Os docentes também justificaram a alternativa assinalada. Eles destacaram a importância de comunicar-se com inteligibilidade e ser compreendido pelos outros e enfatizaram que a clareza na comunicação é essencial. Os docentes também mencionaram que, mesmo quando há erros gramaticais ou o uso de uma linguagem simples, é possível

alcançar uma comunicação eficaz, o que pode abrir portas para oportunidades futuras. O docente 2 (2024) afirma que: “Acredito que o inglês é uma língua de fácil compreensão e que entender o que está sendo dito é o principal para se tornar um falante fluente. Embora aprender a gramática seja importante, o mais essencial é conseguir se comunicar de forma que os outros entendam”. O docente 5 (2024) complementa: “Acredito que se comunicar de forma inteligível é muito importante para uma melhor compreensão e pode contribuir com maiores oportunidades para as pessoas”.

A partir dessas respostas de docentes e discentes, criamos uma nuvem de palavras com as consideradas mais relevantes pelos sujeitos da pesquisa para garantir uma boa produção oral conforme Figura 4:

Figura 4. Nuvem de palavras sobre conceitos fundamentais para a produção oral



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

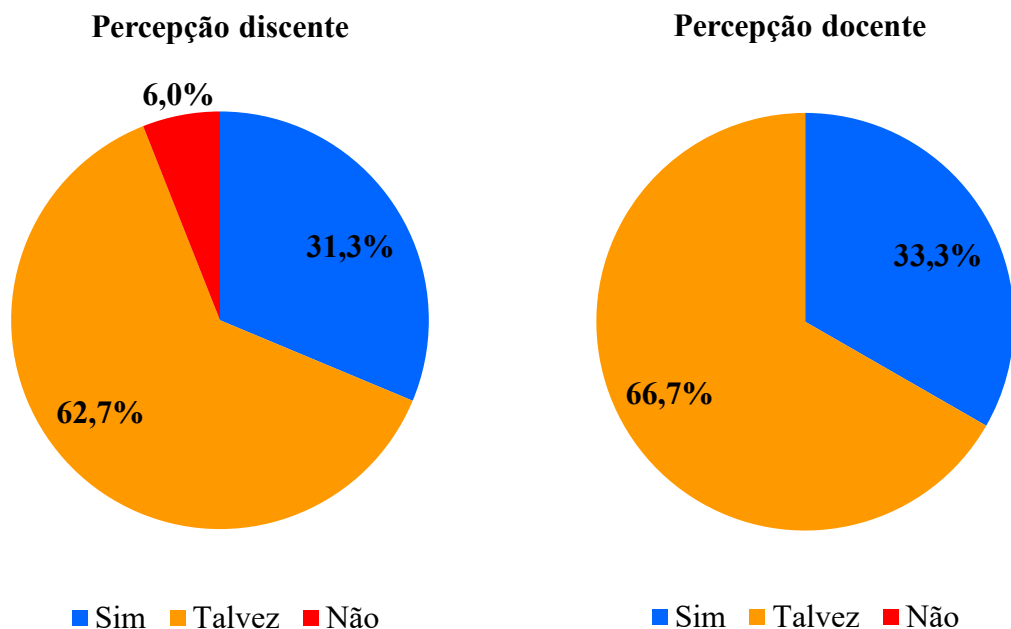
Com essa questão, observamos que docentes e discentes apresentam percepções parecidas em relação à importância da produção oral com inteligibilidade, visto que ambos os grupos reconhecem e apontam que falar de forma clara e compreensível é fundamental para a comunicação.

A terceira pergunta para os discentes foi: Você considera que o seu *speaking* em inglês é inteligível, ou seja, claro e compreensível para que os ouvintes possam entender sua mensagem de forma eficiente e sem dificuldades, considerando aspectos como pronúncia, vocabulário e fluência? As opções de resposta eram: sim, talvez ou não. Dos participantes, 62,7% (42 discentes) assinalaram talvez, 31,3% (21), sim, e 6% (4), não.

Já para os docentes, a pergunta foi: Você acredita que seus alunos apresentam um *speaking* inteligível, ou seja, que sua produção oral em inglês é clara e compreensível para que os ouvintes entendam a mensagem transmitida, levando em conta aspectos como pronúncia, vocabulário e fluência? Com as mesmas opções de resposta. Os resultados

apontaram que 66,7% (4 docentes) responderam talvez, e 33,3% (2), sim, conforme demonstrado na Figura 5.

Figura 5. Percepção da produção oral com inteligibilidade pelos sujeitos docentes e discentes



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Nessa pergunta, pedimos aos discentes e docentes que justificassem a alternativa assinalada. Os estudantes que marcaram “sim” acreditam que conseguem estruturar bem as frases e não observam problemas com a inteligibilidade. Se esforçam e dedicam-se para ter uma pronúncia boa e para comunicar-se com clareza. Sentem-se compreendidos pelas outras pessoas. A discente 37 (2024) afirma que: “Eu sempre busco pronunciar as palavras corretamente e aplicar o que aprendo tanto nas aulas quanto fora delas. Por isso, acredito que minha pronúncia seja compreensível”. Os docentes que marcaram “sim” destacaram que, como o nível intermediário é o último na escola, a maioria dos estudantes já possui uma produção oral mais clara e lapidada, com exceção de momentos de insegurança.

A maioria dos discentes escolheram a opção “talvez” e justificaram que podem se comunicar bem em algumas situações, mas que, em outros momentos, especialmente quando estão nervosos ou lidando com temas mais complexos, podem ter dificuldade em manter a clareza e a pronúncia correta das palavras pouco utilizadas. Também citaram que não receberam feedback suficiente dos professores sobre a inteligibilidade. Essa percepção indica que o feedback frequente e direcionado é essencial para o desenvolvimento da inteligibilidade e da pronúncia na segunda língua (Kirkova-Naskova, 2019; Castilho e Reis, 2020). Jenkins (2000) e Munro e Derwing (1995) destacam que a inteligibilidade depende não apenas da competência linguística do falante, mas também de oportunidades para receber correções, observações e confirmações durante a prática oral. A discente 25 (2024)

menção que: “Acredito que, em algumas situações, meu *speaking* é claro e compreensível, mas, em outras, especialmente quando estou nervosa, posso acabar falando de forma menos clara. Ainda estou trabalhando para melhorar isso e me sentir mais confiante ao falar”. A discente 29 (2024) complementa: “Por mais que eu me esforce, a clareza pode depender da complexidade do tema e do contexto da conversa”.

Entre os docentes que responderam “talvez”, relatam que a inteligibilidade varia entre as turmas e que percebem diferenças entre os estudantes da própria turma também. Percebem que ainda há o que melhorar. O docente 5 (2024) explica: “Depende muito de turma para turma e aluno para aluno. Em algumas turmas, percebo que o *speaking* é inteligível e a comunicação é ótima, enquanto em outras, há maiores dificuldades, apesar de serem todos do mesmo nível”. O docente 2 (2024) acrescenta que:

Alguns alunos possuem um inglês claro e compreensível, enquanto outros não têm a mesma clareza. Acredito que isso se deve ao esforço e interesse, mas principalmente ao contato com a língua fora da escola. Isso faz muita diferença; por exemplo, jogar jogos em inglês ajuda muito no vocabulário e na gramática.

Os discentes que responderam “não” afirmam que ainda enfrentam dificuldades para se comunicar com clareza. O discente 24 (2024) apresenta essa ideia: “Não, pois ainda não sei falar tão bem em inglês e tenho algumas dificuldades com o idioma”.

Ao analisarmos as respostas, observamos que tanto discentes quanto docentes compartilham percepções semelhantes sobre a inteligibilidade na produção oral. Os participantes que marcaram sim, reconhecem que já há comunicação de forma clara, mencionando a prática contínua e a dedicação como fatores que contribuem para esse resultado, ainda que possam enfrentar momentos de insegurança. A maioria dos discentes e docentes, no entanto, escolheram a opção talvez, o que sugere a existência de aspectos que ainda geram incerteza. Os resultados apontam para a relevância do retorno e do *feedback*, além do desenvolvimento de estratégias que auxiliem na superação desses desafios. Por fim, um pequeno grupo de discentes que responderam não, apontaram dificuldades em se expressar com clareza, destacando a importância do diálogo entre professores e estudantes para identificar estratégias de aprimoramento na produção oral.

Considerações finais

Por meio do referencial teórico, observamos que a inteligibilidade da produção oral na língua inglesa favorece a inclusão global e permite a comunicação clara e eficaz com diferentes interlocutores. A inteligibilidade está relacionada à compreensibilidade, essencial para o diálogo, mas articulada também a fatores como fluência, acurácia, complexidade, densidade lexical, sotaque e pronúncia, fundamentais para uma produção oral qualificada.

Com relação ao objetivo de descrever a percepção de docentes e discentes da escola Lifelike Idiomas de Seara/SC sobre a inteligibilidade da produção oral em inglês, os dados revelaram consenso entre ambos os grupos quanto à importância de aspectos como pronúncia, inteligibilidade, acurácia e densidade lexical para o desenvolvimento da

oralidade. Esse reconhecimento demonstra que a inteligibilidade não é apenas um conceito teórico, mas um elemento prático que impacta diretamente a confiança, a clareza e a capacidade de interagir em situações reais de uso da língua.

Ao relacionar esses achados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, destaca-se especialmente o ODS 4 – Educação de Qualidade. Garantir o desenvolvimento de habilidades comunicativas em inglês contribui para a equidade educacional (ao possibilitar que diferentes grupos tenham acesso a oportunidades globais), para a inclusão (ao reduzir barreiras linguísticas) e para a formação de cidadãos globais capazes de atuar em contextos acadêmicos, profissionais e interculturais. Isso dialoga diretamente com as metas de ampliar competências técnicas e profissionais (ODS 4.4).

Assim, a valorização de aspectos como pronúncia, acurácia e densidade lexical, apontada por docentes e discentes, reforça a importância de práticas pedagógicas que priorizem a inteligibilidade como eixo central do ensino de inglês. Esse direcionamento, além de fortalecer o processo formativo dos participantes, contribui para a promoção de uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, em consonância com os compromissos globais da Agenda 2030.

Referências

- BAMGBOSE, Ayo. Torn between the norms: innovations in world Englishes. *World Englishes*, v. 17, n. 1, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BROWN, Henry Douglas. *Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy*. 2 ed. New York: Longman, White Plains, 2001.
- CALDAS, Vaneska Oliveira. *A tecnologia digital móvel em uma abordagem híbrida: o papel do feedback no desenvolvimento da produção oral em inglês como L2*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26538>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- CASTILHO, Rafael Alves de; REIS, Marta Aparecida Oliveira Balbino dos. Aprendizagem da pronúncia de língua inglesa por falantes do português brasileiro: oralidade e articulação do-ed do simple past. *Revista do GEL*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 102–121, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/2443>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- CHAN, Venus. Factors Influencing Intelligibility and Comprehensibility: A Critical Review of Research on Second Language English Speakers. *Journal of English Learner Education*, v. 12, n. 1. Hong Kong, 2021. Disponível em: <https://stars.library.ucf.edu/jele/vol12/iss1/6>. Acesso em: 04 ago. 2024.

ELLIS, Rod. *Task-based Language Learning and Teaching*. Oxford University Press. 2003.

FIELD, John. Intelligibility and the listener: the role of lexical stress. *TESOL Quarterly*, v. 39, n. 3, 399-423, 1 set. 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3588487?origin=crossref>. Acesso em: 04 nov. 2025.

FOSTER, Pauline; SKEHAN, Peter. The influence of planning and task type on second language performance. *Studies in Second Language Acquisition*. Cambridge University Press, 1996, p. 299-323.

HALLIDAY, Michael. *Spoken and written language*. Melbourne, Australia: Deakin University Press, 1985.

HOUSEN, Alex; KUIKEN, Folkert. Complexity, accuracy, and fluency in second language acquisition. *Applied linguistics*, v. 30, n. 4, p. 461-473, 2009.

JENKINS, James. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KENWORTHY, Jeffrey. *Teaching English pronunciation*. London: Longman, 1987.

KIRKOVA-NASKOVA, Anastazija. Second language pronunciation: a summary of teaching techniques. *Journal for Foreign Languages*, v. 11, n. 1, p. 119–136, 30 dez. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338258528_Second_language_pronunciation_a_summary_of_teaching_techniques. Acesso em: 17 ago. 2024..

MOTA, Mailce Borges. *Working memory capacity and L2 speech production: an exploratory study*. PhD Dissertation, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78287>. Acesso em: 11 ago. 2024.

MUNRO, Murray; DERWING, Tracey. Processing Time, Accent, and Comprehensibility in the Perception of Native and Foreign-Accented Speech. *Language and Speech*, v. 38, n. 3, p. 289-309, 1995.

MUNRO, Murray. Foreign accent and speech intelligibility. In: EDWARDS, Jette Hansen; ZAMPINI, Mary. (eds.). *Phonology and Second Language Acquisition*, 2008, p.193-218.

OLIVEIRA, Gabriela Rodrigues Nobre de. *Inglês como língua franca e inteligibilidade de fala: um estudo com usuários brasileiros*. 2018. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 132 folhas. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27840>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SKEHAN, Peter. A framework for the implementation of task-based instruction. *Applied Linguistics*, 1996, 38-62.

SMITH, Larry; NELSON, Cecil. International Intelligibility of English: directions and resources. *World Englishes*, 4, pp. 333-342, 1985.

URE, Jean. Lexical density and register differentiation. In: PERREN, George; TRIM, John. (Eds.). *Applications of linguistics*. NY: Cambridge University Press, 1971. p. 443-452.

WALKER, Robin. *Teaching pronunciation of English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2010.